

EDITORIAL

Miradas políticas e horizontes éticos na crítica midiática

RuMoRes, revista científica dedicada aos estudos de comunicação, linguagem e mídias, apresenta no Dossiê de sua vigésima sexta edição a continuidade do debate sobre a atualidade da crítica da mídia por meio do estudo de diversas correntes teóricas e da aplicação de metodologias a objetos empíricos variados. Nessa visada, os artigos abordam, entre outros aspectos, o modo como a crítica midiática, em perspectiva cultural, trata de questões de identidade, representação e representatividade; como articula preceitos éticos a elementos estéticos; como pode realizar, hoje, a passagem dos textos aos contextos, tendo em perspectiva as disputas por reconhecimento em cenários políticos complexos. A potência presente nesse debate sustenta o Dossiê "Crítica Midiática e Reconhecimento", organizado pelos editores convidados Ercio Sena e Marcio Serelle, da PUC Minas, incluindo trabalhos desenvolvidos no 3º Simpósio de Crítica de Mídia, realizado em maio de 2019 naquela instituição e apresentados nesta edição pelos organizadores.

Podemos dizer que a crítica, como forma de abordagem e modo de pensamento, está presente em toda a edição, composta por artigos que tratam de análises marcadas por uma imbricação entre temáticas sociais e a cultura audiovisual contemporânea em diversas manifestações (filmes, vídeos, programas televisivos, sites, blogs, redes sociais, produções sonoras, textos, livros). Em "Imaginários de poder e redes midiáticas: diálogos entre o Creative Time Summit e o Brasil", Lucia Isaltina Leão (PUC-SP), Vanessa Lopes, Mirian Meliani Nunes (Unicsul/Belas Artes) e Bernardo Siqueira Santos (UAM) desenvolvem um estudo transversal sobre os imaginários de poder nas redes midiáticas por meio de mapeamentos das imagens e discursos nelas presentes.

Tomando como base o conceito de imaginário de Gilbert Durand, o artigo adota como metodologia de análise a cartografia dos processos de comunicação e compartilhamento do imaginário desenvolvida por Leão. A oposição entre os métodos quantitativos e qualitativos nas ciências humanas e sociais, tratando com destaque o aspecto da escalabilidade como problema epistemológico, é tema do texto “Novas tecnologias da informação, escalabilidade e métodos quantitativos e qualitativos nas Ciências Humanas”, de Silvana Seabra Hooper (PUC Minas), enfatizando o impacto da grande produção de dados por meio do debate entre Lev Manovich e Bruno Latour, propondo uma releitura na dicotomia entre os métodos quantitativos e qualitativos nas ciências humanas e sociais.

As autoras Daiana Sigiliano (UFJF) e Gabriela Borges (UFJF), no artigo “Competência midiática e cultura de fãs: análise do *Twittertainment* na *social TV* brasileira”, apontam que as *fan fictions* estimulam o entendimento crítico do fã, uma vez que as histórias propiciam a leitura crítica e criativa dos universos ficcionais, conforme discute Henry Jenkins. Essa categoria de *fan fiction*, produzida pelos telespectadores de maneira síncrona à exibição da programação, imbrica dois desdobramentos da competência midiática, o “*Twitter literacy*” e o “*remix literacy*”, que propagam o universo ficcional e atualizam discussões sobre questões sociais e políticas. Partindo das ideias de autores da República de Weimar (Bertold Brecht, Walter Benjamin e Rudolf Arnheim) sobre a relação do rádio com seus ouvintes, passando pelos Estudos Culturais ingleses, Nivaldo Ferraz (ECA-USP) propõe um caminho para a discussão de como o ouvinte experimenta a interatividade com o rádio e com o som nos tempos atuais. Em “Um conceito de ouvinte expandido”, o autor busca caracterizar questões relativas à amplitude ou não da participação do ouvinte na programação em tempos de maior interatividade, questionando se ele falaria, afinal, na mesma medida do apresentador.

No campo do documentário contemporâneo, dois artigos lançam olhares críticos sobre a criação e realização dessas obras, estabelecendo conexões entre teorias e modos de fazer. Marcius Freire (Unicamp), em “‘Cine-Eu’: ou

de como o planeta passou a girar em torno do meu umbigo”, argumenta que o esgarçamento dos valores que serviam de referência ao desenvolvimento humano e ao aprimoramento de sua existência no mundo levou à desestabilização do papel do indivíduo enquanto ser social. Tal processo se reflete na produção de documentários contemporâneos, em que se vê, cada vez mais, micro-histórias pessoais que, em alguns momentos, ecoam processos sociais ou históricos mais amplos. Um desses personagens é retratado em “Cartas para um ladrão de livros’: um ladrido para quem corta o relato”, de Ivan Paganotti (Fiam-Faam), artigo no qual o autor analisa a polêmica provocada pelo filme que, ao expor o furto de obras raras de acervos públicos brasileiros, leva seus produtores a sofrerem ameaças de processos judiciais, levando à autocensura. O texto avalia essa irônica contradição entre o retrato de um personagem perseguido pela justiça ao remover documentos públicos e vendê-los para colecionadores privados, e a consequente ameaça judicial contra um documentário que leva ao público a privatização da memória coletiva.

Diferentes maneiras de abordar as relações entre política e sociedade, e entre discursos e identidades, são apresentadas nos três artigos a seguir. Yamila Heram (UBA-Argentina), em “Disputas en torno a la Televisión Pública – un análisis sobre la crítica de medios a la emisora” analisa as críticas televisivas ao canal Televisión Pública, da Argentina, entre 2015 e 2018, apontando quais foram as principais preocupações e imaginários construídos em torno da emissora. Buscando apontar as relações entre jornalismo e literatura, o artigo “Posfácios da Coleção Jornalismo Literário: que jornalismo é esse?”, de Myrian Del Vecchio Lima, José Carlos Fernandes, Cíntia Conceição e Keyse Macedo (UFPR), tem como material empírico 37 títulos da coleção publicada pela editora Companhia das Letras de 2002 a 2018. Ao examinar as marcas editoriais que compõem cada livro, o texto tem como objetivo reconhecer quais olhares/ênfases os diversos autores dos posfácios lançam sobre essa modalidade do jornalismo, demonstrando a porosidade deste conceito. As ressignificações das princesas Disney, observadas em sites de redes sociais nos quais perfis são criados de acordo com interesses

diversos, é tema do artigo de Marcia Perencin Tondato (ESPM) e Maria Giselda da Costa Vilaça (Ufpe). Em “Mudaram as princesas? Resignificações da identidade feminina nos SRSs”, as autoras discutem o imaginário do feminino originado por contos clássicos do século XIX (Grimm, Andersen, La Fontaine, Perrault, Carrol, Lewis), não escritos originalmente para o universo infantil, mas apropriados pela indústria da fantasia na forma de uma diversidade de produtos. O debate tem origem nas mudanças percebidas no perfil das princesas nos últimos dez anos e o texto analisa seus elementos constituintes em busca de sinalizadores de representações de outras identidades femininas na contemporaneidade.

A edição termina com indagações sobre o lugar da política em tempos marcados por embates e conflitos, especialmente com o aumento de movimentos conservadores ao redor do mundo, exigindo reações e posicionamentos em defesa da democracia e da liberdade. “Últimas propagandas partidárias do PT: ênfase no Lulismo e memória histórica”, de Carla Montuori (Unip), Luiz Ademir de Oliveira (Iuperj), Vinícius Gomes (Unip) e Mariane Campos (UFJF), analisa o espaço da propaganda partidária gratuita exibidas pelo Partido dos Trabalhadores (PT) de 2014 a 2017. Cercado por denúncias e acusações que culminaram com o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, o partido utilizou essas peças para refazer sua narrativa, em sintonia com aspectos originários de sua história. Também as comemorações de 200 anos do nascimento de Karl Marx, em 2018, ganharam mais força nesse contexto de disputas ideológicas e eleitorais. O texto “Karl Marx – 200 anos: a atualidade de sua práxis jornalística”, de Rafael Bellan Rodrigues de Souza (Ufes), apresenta as quatro fases da trajetória do pensador enquanto jornalista e debate quais características dessa práxis noticiosa podem ser relevantes para uma teoria da prática jornalística contemporânea. O autor revela aspectos dessa produção que podem ser “repetidos” pelos jornalistas atuais, entre eles, o jornalismo como um mapeamento do território em que as ações humanas podem se objetificar.

Em tempos de grave crise política no país, que coloca em risco instituições democráticas, direitos civis e avanços sociais arduamente conquistados,

esperamos que as reflexões propostas possam suscitar debates produtivos sobre a realidade e formas possíveis de intervenção a partir do lugar em que nos encontramos. No ano em que o MidiAto – grupo de pesquisa sediado na ECA-USP e responsável pela publicação de **RuMores** desde sua criação – celebra uma década de existência sob essa denominação, desejamos cada vez mais que o espaço acadêmico e universitário interfira na consolidação de posicionamentos críticos comprometidos com a transformação social e a construção de uma sociedade cada vez mais igualitária, justa e participativa. Que cada um de nós possa contribuir, desde suas trincheiras, para esse empreendimento. Na esperança de tempos mais brandos, desejamos boas leituras a todas e todos e um novo ano promissor e potente.

*MidiAto – Grupo de Estudos de Linguagem: práticas midiáticas
dezembro de 2019*